



ST3 – DINÂMICAS DEMOGRÁFICAS E REPERCUSSÕES NOS TERRITÓRIOS

PERCEPÇÃO DE MIGRAÇÃO DAS GERAÇÕES X e Y: estudo a partir da influência do desenvolvimento humano e da vulnerabilidade social

PERCEPTION OF MIGRATION FROM GENERATIONS X & Y: study based on the influence of human development and social vulnerability

Liane Beatriz ROTILI¹, Felipe Cavalheiro ZALUSKI², Sérgio Luís ALLEBRANDT³, Daniel Knebel BAGGIO⁴

Resumo: Este estudo objetiva analisar como o desenvolvimento humano (DH) e a vulnerabilidade social (VS) relaciona-se com intenções de migração da geração X e Y da região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Foi desenvolvido um questionário a partir das seis dimensões do IVS e IDH apresentadas pelo IPEA (2018) e PNUD (2015). As análises quantitativas e qualitativas em uma amostra de 75 respondentes demonstraram que dentro do desenvolvimento humano a maior motivação de migração encontra-se nas dimensões acesso ao conhecimento, enquanto a dimensão que registrou a menor média foi padrão de vida. Já na vulnerabilidade social, a motivação de migração encontra-se nas dimensões renda e trabalho. Dessa forma, existem relações significativas fortes na geração X entre renda e trabalho (VS) com padrão de vida (DH) enquanto na geração Y, entre capital humano (VS) com padrão de vida (DH). Ou seja, enquanto para geração X, a alta renda, ocupação e segurança estão relacionados a melhoria dos padrões de vida, para a geração Y, condições de saúde, acesso à educação e a possibilidade de perpetuar esses benefícios as gerações mais jovens são as principais relações com o padrão de vida, sendo indicativos da permanência ou não na região. Contribui-se com o campo dos estudos de migração com a confirmação da mobilidade estar centrada nas oportunidades de trabalho e acrescenta-se seu vínculo a busca por qualidade de vida.

Palavras-Chave: Migração. Desenvolvimento Humano. Vulnerabilidade Social. Gerações.

Abstract: This study aims to analyze how human development (DH) and social vulnerability (VS) are related to migration intentions of generation X and Y from the Northwest region of the State of Rio Grande do Sul. A questionnaire was developed from the six dimensions IVS and HDI

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI) e bolsista PROSUP/CAPES. Mestre em Desenvolvimento Regional e graduada em Administração também pela UNIJUI. E-mail: liane.rotili@hotmail.com

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em Desenvolvimento Regional e graduado em Administração pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI). E-mail: felipezaluski@hotmail.com

³ Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq; Professor Titular e Coordenador do PPGDR/UNIJUI; Líder do Grupo Interdisciplinar de Estudos em Gestão e Políticas Públicas, Desenvolvimento, Comunicação e Cidadania (GPDeC); Doutor em Desenvolvimento Regional pelo PPGDR/UNISC (2010); Mestre em Administração pela EBAPE/FGV (2001). E-mail: allebr@unijui.edu.br.

⁴ Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UNIJUI – Mestrado e Doutorado. Mestre e doutor em Contabilidade e Finanças pela Universidad de Zaragoza. E-mail: baggiold@unijui.edu.br



II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

presented by IPEA (2018) and UNDP (2015). Quantitative and qualitative analyzes in a sample of 75 respondents showed that within human development the greatest motivation for migration is found in the dimensions of access to knowledge, while the dimension that registered the lowest average was standard of living. In the case of social vulnerability, the motivation for migration is found in the income and work dimensions. Thus, there are significant strong relationships in generation X between income and work (VS) with a standard of living (DH) while in generation Y, between human capital (VS) with a standard of living (DH). That is, while for generation X, high income, occupation and security are related to the improvement of living standards, for generation Y, health conditions, access to education and the possibility of perpetuating these benefits, the younger generations are the main ones. relations with the standard of living, being indicative of the permanence or not in the region. It contributes to the field of migration studies by confirming mobility to be centered on job opportunities and adding to the search for quality of life.

Keywords: Migration. Human development. Social vulnerability. Generations.

INTRODUÇÃO

O conceito de desenvolvimento humano pode ser compreendido como um processo de ampliação das escolhas e possibilidades das pessoas, para que elas tenham capacidades e oportunidades para serem aquilo que desejam ser (PNUD, 2015). Assim, diferente da perspectiva do crescimento econômico, que vê o bem-estar de uma sociedade apenas pelos recursos ou pela renda que ela gera, a abordagem do desenvolvimento humano permite olhar diretamente para o âmbito das pessoas, suas oportunidades e capacidades.

A expressão “vulnerabilidade social” vem sendo discutida nos últimos anos, contudo, não possui um significado único e consolidado na literatura. A vulnerabilidade é destacada em abordagens relacionados à suscetibilidade à pobreza, enquanto outros a relacionam como um sintoma ou dimensão da pobreza (SEN, 2001; BARROS et al., 2003; CODES, 2008). Neste contexto, o desenvolvimento humano enfatiza uma mudança de perspectiva, onde o foco é transferido do crescimento econômico, ou da renda, para o ser humano e sua qualidade de vida (SILVA et al., 2015). E, percebe-se que a vulnerabilidade social vem se popularizando à medida em que cresce o reconhecimento de que a pobreza, sem qualificações, é um conceito limitado para expressar as complexas situações de problemas sociais que estão sujeitas determinadas populações.

Há, portanto, uma forte interlocução entre os projetos, sendo que o desenvolvimento humano é mensurado pelo Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - IDHM e a vulnerabilidade social mensurada pelo Índice de Vulnerabilidade Social - IVS, sendo o IVS um produto mais detalhado, mas altamente correlacionado ao IDHM, com o qual dialoga e se complementa, pois amplia as possibilidades de análises acerca dos fenômenos que concorrem para a determinação das condições de vida das populações em seus territórios de moradia. Assim, enquanto o IDHM aponta para a disponibilidade de recursos e condições necessárias para o alcance de um patamar mínimo de bem-estar pelas populações, o IVS, ao contrário, denuncia a ausência ou insuficiência destes recursos e condições, no mesmo território (PNUD, 2015; IPEA, 2018).



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

Esse balanço entre o local de origem e todas as possibilidades de destino existentes é realizado pelo indivíduo em busca de um local que maximize suas percepções de retorno pessoais e profissionais (GOLGHER; JUNIOR, 2004). Contudo, a migração só ocorrerá se os ganhos de sair do local de origem para o local de destino forem maiores que os custos envolvidos nesse processo (CONGDON, 1991).

Entre os dois últimos censos demográficos realizados no Brasil, 2000 e 2010, mais da metade (52%) dos municípios do Rio Grande do Sul teve uma redução absoluta de sua população, tendo no noroeste do estado apresentou este fenômeno de forma acentuada (IBGE, 2010). Desta forma, este estudo objetiva a analisar e mensurar como o desenvolvimento humano (DH) e a vulnerabilidade social (VS) relaciona-se com as intenções de migração da geração X e Y da região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

Os indivíduos da Geração X são os nascidos entre janeiro de 1965 a dezembro de 1976 (TRAPSCOTT, 2010). Malafaia (2010) aponta que os indivíduos da Geração X têm como principais valores a obtenção de um estilo de vida equilibrado, satisfação no trabalho, importância da família e dos relacionamentos. Acreditam que o dinheiro é importante e representa um indicador da sua qualidade profissional, mas estão dispostos a trocar promoções e aumentos salariais por uma vida com mais tempo para o lazer.

Já os indivíduos da Geração Y são os nascidos entre janeiro de 1977 a dezembro de 1997 (TAPSCOTT, 2010). Em relação a Geração Y, Solomon (2016) destaca que essa geração foi a primeira a compartilhar comportamentos, independentemente da localidade onde elas estavam, justamente pelo fato de ser a primeira geração inserida no processo de globalização e conectividade, além de ter objetivos mais imediatistas, como prazer e consumo de bens materiais, além da preferência pelo convívio virtual ao real.

Analisando o comportamento de migração a partir das características das gerações delineadas, foi adaptado e desenvolvido um questionário a partir das três dimensões do IVS apresentadas pelo IPEA (2018): infraestrutura urbana; capital humano e; renda e trabalho. Para analisar e mensurar como o desenvolvimento humano (DH) relaciona-se com as intenções de migração, foi adaptado um questionário a partir das três dimensões do IDHM apresentadas pelo PNUD (2015): vida longa e saudável; acesso ao conhecimento e; padrão de vida, além de questões com a intenção de identificar o perfil dos respondentes e questões abertas com intuito de obter dados qualitativos dos mesmos, visando compreender a percepção de migração da geração X e Y para outras regiões.

A seguir, apresenta-se a revisão da literatura sobre as temáticas centrais. Posteriormente, é descrita os métodos de pesquisa e discutem-se os resultados. Por fim, são destacadas as considerações finais do trabalho.

REFERÊNCIAL TEÓRICO

Desenvolvimento humano (DH)



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

A abordagem de desenvolvimento humano parte do pressuposto de que para alcançar o avanço na qualidade de vida de uma determinada população é preciso ir além do viés puramente econômico, considerando, também, as características sociais, culturais e políticas que influenciam a qualidade de vida humana (PNUD, 2015; SILVA et al., 2015). Neste contexto o conceito de desenvolvimento humano, bem como sua forma de mensuração, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), foram apresentados em 1990, no primeiro Relatório de Desenvolvimento Humano do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), sendo idealizado pelos economistas Mahbub ul Haq e Amartya Sen (MENEZES; POSSAMAI, 2016). O IDH é um índice que serve de comparação entre os países, com o objetivo de mensurar o grau de desenvolvimento econômico e qualidade de vida oferecidos à população, sendo calculado com base em dados econômicos e sociais (PNUD; IPEA; FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2013).

No ano de 2012, o PNUD Brasil, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e a Fundação João Pinheiro adaptaram a metodologia do IDH Global para calcular o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) dos 5.565 municípios brasileiros, cálculo este realizado a partir das informações dos 3 últimos Censos Demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010) e conforme a malha municipal existente no ano de 2010. Assim, o IDHM é uma medida composta de indicadores de três dimensões do desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda, que objetiva mensurar o IDH dos municípios nas mesmas condições do índice global.

Segundo o PNUD (2015), o IDHM agrega três dimensões para análise do desenvolvimento humano: a oportunidade de viver uma vida longa e saudável, de ter acesso ao conhecimento e ter um padrão de vida que garanta as necessidades básicas, representadas pela saúde, educação e renda. O índice varia de 0 (nenhum desenvolvimento humano) a 1 (desenvolvimento humano total). Está dividido em cinco categorias: desenvolvimento humano muito baixo ($IDHM \leq 0,499$); desenvolvimento humano baixo ($0,500 \leq IDHM \leq 0,599$); desenvolvimento humano médio ($0,600 \leq IDHM \leq 0,699$); desenvolvimento humano alto ($0,700 \leq IDHM \leq 0,799$); e desenvolvimento humano muito alto ($IDHM \geq 0,800$) (PNUD, 2015). Assim, conforme Duarte e Cavalcanti (2016), o IDHM é considerado o índice mais apropriado para avaliar as condições de pequenos grupos sociais.

Para avaliação da dimensão educação, são levados em conta dois indicadores com pesos diferentes: taxa de alfabetização de pessoas acima de 15 anos (com peso dois) e a taxa bruta de frequência à escola (com peso um) (PNUD, 2015). O primeiro indicador reflete o percentual de pessoas com mais de 15 anos capaz de ler e escrever um bilhete simples, ou seja, adultos alfabetizados. O segundo é resultado de uma conta que envolve a somatória de pessoas, independentemente da idade.

Já para a avaliação da dimensão longevidade, leva-se em consideração o mesmo indicador do IDH de países, que se delimita na esperança de vida ao nascer. O indicador longevidade sintetiza as condições de saúde e salubridade do município, indicando o número médio de anos que uma pessoa nascida naquele local deve viver (DUARTE; CAVALCANTI, 2016). Todas as causas de morte são contempladas no indicador, tanto aquelas ocorridas em função de doenças quanto às



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

provocadas por causas externas, como violências, acidentes e outros. Portanto, isso significa que quanto mais mortes houver nas faixas iniciais da vida, menor tende a ser a expectativa de vida observada no local.

No que se refere a mensuração da dimensão renda, o critério utilizado pelo IDHM é a renda municipal per capita, ou seja, a renda média de cada residente no município, no caso brasileiro, essa renda é calculada a partir das respostas ao questionário expandido do Censo do IBGE. A partir disso, são somadas todas as rendas obtidas pelos moradores do município, incluindo salários, pensões, aposentadorias, transferências governamentais, entre outros, e dividido pelo número de habitantes, resultando na renda per capita municipal (PNUD, 2013).

Vulnerabilidade social (VS)

A plataforma do Atlas da Vulnerabilidade Social - AVS foi concebida como uma ferramenta simples e importante para disponibilização de informações, que possibilita a consulta de diversos formatos de dados sobre a temática da vulnerabilidade social, fomentando e facilitando as análises de informações. Assim, tanto o Índice de Vulnerabilidade Social (IVS) quanto a plataforma do AVS decorrem do mesmo processo de apuração de indicadores realizados pela parceria entre o PNUD, o IPEA e a Fundação João Pinheiro. Ressalva-se que o IVS é composto por um número maior e mais diversificado de variáveis, em comparação ao IDHM (IPEA, 2015).

Assim, o IVS é o resultado da média aritmética de três dimensões da vulnerabilidade social: I – a Infraestrutura Urbana do território em tela (seja ele um município, uma região, um estado ou uma Unidade de Desenvolvimento Humano); II - o Capital Humano dos domicílios deste território; e III - a Renda, o acesso ao trabalho e a forma de inserção (formal ou não) dos residentes nestes domicílios. Cada uma dessas dimensões reúne, por sua vez, um conjunto de variáveis obtidas nas bases dos Censos Demográficos do IBGE, que refletem diferentes aspectos das condições de vida (IPEA, 2018). Para a construção de cada dimensão do IVS foi utilizado os pesos equivalentes para cada indicador, ou seja, cada indicador teve seu valor normalizado numa escala que varia entre 0 e 1, em que 0 corresponde à situação ideal, ou desejável, e 1 corresponde à pior situação.

A dimensão que contempla a vulnerabilidade da Infraestrutura Urbana procura refletir as condições de acesso a serviços de saneamento básico e de mobilidade urbana, por serem dois aspectos relacionados ao lugar de domicílio das pessoas que impactam significativamente sua qualidade de vida. Considerando as possibilidades e limites das informações coletadas pelos Censos Demográficos, compõem essa dimensão os indicadores que abordam a presença de redes de abastecimento de água, de serviços de esgotamento sanitário e coleta de lixo no território (IPEA, 2018).

A dimensão Capital Humano envolve dois tipos de ativos que, determinam as perspectivas de futuro dos indivíduos: suas condições de saúde e seu acesso à educação (IPEA, 2018). Neste sentido, pertencem a essa dimensão as variáveis que refletem não só a presença atual destes ativos nos domicílios, mas também as possibilidades de sua ampliação pelas gerações mais jovens. A vulnerabilidade de Renda e Trabalho agrupa não só indicadores relativos à insuficiência de renda



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

das famílias, no momento da coleta dos dados (percentual de famílias com renda domiciliar per capita de até R\$ 255,00 mensais, em agosto de 2010) como incorpora outros fatores que, associados ao fluxo de renda insuficiente, configuram um estado de insegurança de renda das famílias: a desocupação de adultos, a ocupação informal de adultos pouco escolarizados, a dependência da família com relação à renda de pessoas idosas, assim como a presença de trabalho infantil (IPEA, 2018).

Migração enquanto campo de estudo

Os estudos acadêmicos sobre migração, segundo Póvoa-Neto (1997), Vainer (2007), Cavaliere (2010) e Boechat (2019), são realizados dentro de três correntes teóricas principais: neoclássica, histórico-estrutural e de mobilidade do trabalho. A primeira tem como premissa a liberdade do trabalhador, sendo que o “mercado regularia o fluxo de pessoas livres e o espaço social seria homogêneo, abstrato e puramente econômico, fundado na liberdade individual” (CAVALIERI, 2010, p. 34). Nessa linha teórica, o trabalhador decide onde irá vender seu trabalho, assim “o mercado orienta os trabalhadores, que são racionais, a locarem de maneira ótima o recurso de que dispõem – seu capital humano. Sendo o mercado o mais eficaz mecanismo para otimizar a alocação de recursos” (VAINER, 2007, p. 20), ou seja, a oferta e demanda do mercado, são os reguladores da migração.

A migração vista pela corrente histórico-estrutural é oposta a neoclássica, e nela os indivíduos não fazem escolhas, sendo que a mobilidade do capital dita os movimentos do trabalho e em consequência dos trabalhadores (VAINER, 2007; CAVALIERI, 2010). Dessa forma, o capital é o protagonista, sendo as causas econômicas de saída da origem e os fenômenos do sistema econômico o centro da temática de migração em suas diversas escalas de espaço, do micro ao macro.

No terceiro modelo, mobilidade do trabalho, a migração é vista a partir do ponto de que o trabalhador não é simplesmente objeto do capital. Sob essa perspectiva, a violência econômica e suas contradições, estão internalizadas no âmago do trabalhador, levando o indivíduo a deslocar-se voluntariamente na escolha de melhores condições de trabalho (LEITE, 2017). Assim, um indivíduo acredita possuir liberdade de escolha, mas ela é condicionada às estruturas lógicas que formaram o sujeito, a sociedade e o capital.

A teoria de mobilidade do trabalho, proposta por Gaudemar (1976) apresenta a força de trabalho como uma mercadoria muito particular, na qual “o trabalho humano pode ser comprado e vendido dado que ele é livre (em sua positividade e negatividade)”. Reside aqui, portanto uma das chaves teóricas, no campo econômico, para a compreensão da questão migratória de que quanto maior a produção capitalista, maior é a mobilidade ligada a força de trabalho, ou seja, mais intensas a ação do capital em mobilizar a todos (CAVALIERI, 2010). Alguns autores acreditam, entretanto, que os três troncos teóricos possuem características em comum, enquanto para Salim (1992, p. 121) “[...] os fluxos migratórios se originam do desequilíbrio espacial de natureza econômica, o qual produz diferenciais de renda e de emprego”. Para Boechat (2019, p. 1198) no “[...] que tange à questão migratória, nenhum destes troncos nega a centralidade do trabalho.”



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

Quanto a quais variáveis devem ser utilizadas nos estudos migratórios, não existem consenso. Autores como Baumfeld (1984) considera que o uso isolado de dados como movimentação da reprodução biológica, idade, sexo, grau de instrução, ou contraposição entre população e recursos disponíveis não explicam por si só a migração, por outro lado, o autor afirma que não é uma regra, e existem migrações motivadas e diferenciadas pelo nível de instrução e de renda e perspectivas de ascensão social. Em complemento, Carlos Vainer (1984) enfatiza que pela temática não ser apenas objeto de políticas públicas, mas também produto destas, as variáveis são produto da mobilidade, ao mesmo tempo que agentes de transformação do espaço, abrindo espaço para pesquisas que relacionam a migração ao conjunto de relações sociais que definem os diferentes territórios (BOECHAT, 2019).

Dessa forma o campo da pesquisa sobre migrações apresenta diversas contradições e lacunas, sendo necessária a utilização de pesquisas empíricas para auxiliar a construção desse campo. Assim, os autores do presente estudo buscaram relacionar os índices de desenvolvimento humano, de vulnerabilidade social e a intenção de migração. Nessa pesquisa problematiza-se, como as perspectivas de futuro dos indivíduos: suas condições de saúde e seu acesso à educação, as possibilidades de sua ampliação pelas gerações mais jovens, o fluxo de renda insuficiente; a insegurança de renda das famílias: a desocupação de adultos, a ocupação informal de adultos pouco escolarizados, a dependência da família com relação à renda de pessoas idosas, assim como a presença de trabalho infantil, relacionam-se com a mobilidade entre territórios.

MÉTODO DE PESQUISA

Visando responder ao objetivo deste estudo, empreendeu-se um estudo de cunho quantitativo e qualitativo, descritivo, do tipo *survey* (CRESSWELL, 2010). A coleta de dados teve como uma amostra aleatória com 75 estudantes pertencentes as gerações X e Y residentes na região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul. A amostra foi selecionada por conveniência e utilizado o método *snowball sampling* para distribuir os questionários. O questionário eletrônico produzido no *Google Forms*, foi enviado via por meio de um link aos colegas da disciplina, solicitando aos mesmos que reencaminhassem a pesquisa a outros estudantes da sua rede de contato. Assim, os estudantes receberam o convite para participar da pesquisa por e-mail e por redes sociais, com o esclarecimento de que se tratava de uma pesquisa científica com anonimato. O questionário ficou disponível a respostas, no período de 21.07.2018 a 28.08.2018.



OBSERVADR





Quadro 1 – Modelo teórico

Modelo teórico	Descrição
DH (IDHM - PNUD, 2015)	Trata-se de um questionário composto por 12 afirmativas, estruturado e dividido em 3 fatores relacionados entre si, mas independentes: 4 para vida longa e saudável, 3 para acesso ao conhecimento e 5 para padrão de vida. É um questionário autoaplicável, do tipo <i>Likert</i> de 5 pontos que variam de 1-5.
VS (IVS - IPEA, 2018)	Trata-se de um questionário composto por 12 afirmativas, estruturado e dividido em 3 fatores relacionados entre si, mas independentes: 6 para infraestrutura urbana, 3 para capital humano e 3 para renda e trabalho. É um questionário autoaplicável, do tipo <i>Likert</i> de 5 pontos que variam de 1-5.

Fonte: Autores (2019).

O questionário aplicado constitui de modelo teórico adaptado e elaborado com base nas dimensões estabelecidas pelo IDHM (PNUD, 2015) e pelo IVS (IPEA, 2018), além de questões com a intenção de identificar o perfil dos respondentes e questões abertas com intuito de obter dados qualitativos dos mesmos (Quadro 1). Uma versão preliminar do instrumento de coleta de dados foi pré-avaliada por dois professores doutores com conhecimento prévios na temática e, após ajustes, foi avaliada por três respondentes do universo amostral. Foi solicitado que os respondentes do universo amostral fornecessem um *feedback* sobre a clareza, abrangência, adequação, validade de face e legibilidade dos itens.

A caracterização geral do perfil da amostra possui leve predominância pessoas do gênero feminino (60,00% geração X, 64,40% geração Y) em ambas gerações, sendo, que por estarem em ciclos de vida distintos, na geração X, o estado civil dominante é casado/ união estável (70,00%), com filhos (70,00%), e em nível de especialização (10% Lato Sensu e 40% Mestrado). Já a geração Y o estado civil dominante é solteiro (68,90%), sem filhos (93,30%), e em nível de graduação (57,8%), conforme consta na Tabela 1.

Tabela 1 - Caracterização geral do perfil da amostra

Variáveis	Alternativas	Geração X		Geração Y		Total	
		N	%	N	%	N	%
Gênero	Feminino	18	60,00	29	64,40	47	62,70
	Masculino	12	40,00	16	35,60	28	37,30
Estado Civil	Casado/ União Estável	21	70,00	14	31,10	35	46,70
	Solteiro	9	30,00	31	68,90	40	53,30
Filhos	Sim	21	70,00	3	6,70	24	32,00
	Não	9	30,00	42	93,30	51	68,00
Grau de Instrução	Doutorado	0	0,00	2	4,40	2	2,70
	Mestrado	12	40,00	10	22,20	22	29,30
	Especialização Lato Sensu	3	10,00	4	8,90	7	9,30
	Graduação	12	40,00	26	57,80	38	50,70
	Outros	3	10,00	3	6,70	6	8,00

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Quanto ao trabalho, ambas gerações se encontram no mercado de trabalho, sendo que a geração X possui 90% dos pesquisados exercendo alguma função remunerada, sendo a maioria na iniciativa privada (66,67%), sem ocupar cargo gerencial (88,89%) e tendo apenas um terço da amostra com remuneração acima de cinco salários mínimos. Enquanto a geração Y possui 80% dos pesquisados exercendo alguma função remunerada, sendo a maioria na iniciativa privada (72,22%), sem ocupar cargo gerencial (80,56%) e tendo apenas 5,56% da amostra com remuneração acima de cinco salários-mínimos.



Para análise dos dados qualitativos utilizou-se o módulo de análise de nuvens de palavras do *software* NVivo v.12. Os dados quantitativos foram analisados pelo *software* SPSS© v. 23. As análises estatísticas realizadas compreendem estatística descritiva, tabela de frequência, tabelas cruzadas. A fim de verificar a confiabilidade dos instrumentos, ou seja, o grau de consistência interna entre os indicadores de um fator aplicou-se o *alpha de cronbach*. Conforme Field (2009), valores entre $0,7 \leq \alpha < 0,8$ representam índices aceitáveis, $0,8 \leq \alpha < 0,9$, representam um bom índice e $> 0,9$, diz respeito a um ótimo índice de *Alfa de Cronbach*, sendo que valores $< 0,6$ indicam escala não confiável.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para análise da influência do desenvolvimento humano e da vulnerabilidade social na percepção de migração das gerações X e Y, primeiramente apresenta-se os resultados das análises das dimensões de desenvolvimento humano. Após, apresenta-se os resultados das análises das dimensões de vulnerabilidade social. Em seguimento analisa-se as relações entre as duas dimensões e, por fim, apresenta-se os resultados das análises qualitativas da intenção de migração das gerações X e Y da amostra considerada.

Análise das dimensões de desenvolvimento humano

Na Tabela 2 são apresentadas as estatísticas descritivas dos resultados da amostra, apresentando média e desvio padrão das três dimensões de desenvolvimento humano com as dimensões: vida longa e saudável, acesso ao conhecimento e padrão de vida.

Tabela 2 - Estatística descritiva das três dimensões de desenvolvimento humano

Questões	Geração X		Geração Y	
	Média	DP	Média	DP
Vida Longa e Saudável				
O local onde residio me permite uma alta expectativa de vida.	3,20	1,10	3,64	0,96
O local onde residio me permite um envelhecimento saudável.	3,20	1,00	3,73	0,86
O local onde residio me permite acesso a saúde de qualidade	3,50	1,04	3,60	0,96
O local onde residio me permite deslocar-me com segurança.	3,40	0,81	3,56	0,99
Total	3,33	0,99	3,63	0,94
Acesso ao conhecimento				
O local onde residio me permite acesso à educação de qualidade.	3,90	0,84	3,69	0,87
O local onde residio me permite acesso ao conhecimento.	3,90	0,84	3,76	0,86
O local onde residio me permite desenvolver academicamente.	4,10	0,96	3,53	1,34
Total	3,97	0,88	3,66	1,04
Padrão de vida				
O local onde residio me permite acesso a emprego com alta remuneração.	2,80	1,19	2,44	1,10
O local onde residio me permite acesso a cultura.	3,10	1,16	2,87	1,08
O local onde residio me permite acesso ao lazer e entretenimento.	3,00	1,44	2,78	1,17
O local onde residio me permite um alto padrão de vida.	2,60	1,13	2,49	0,97
O local onde residio possui mobilidade urbana.	3,10	1,24	3,20	1,14
Total	2,92	1,23	2,76	1,12

Fonte: Dados da pesquisa (2019).



Pode-se verificar que dentro do desenvolvimento humano a maior satisfação encontra-se nas dimensões acesso ao conhecimento (3,97 geração X e 3,66 geração Y), enquanto a dimensão que registrou a menor média foi padrão de vida (2,92 geração X e 2,76 geração Y), sendo que os baixos desvios padrões apresentados, pode-se levar a conclusão que a amostra é homogênea. Com a finalidade de verificar a confiabilidade ou o grau de consistência interna entre os indicadores de um fator, aplicou-se o Alpha de *Cronbach* (FIELD, 2009). Na Tabela 3 são apresentados os resultados relativos ao Alpha de *Cronbach* das dimensões de desenvolvimento humano.

Tabela 3 – Alpha de *Cronbach* das dimensões de desenvolvimento humano

Fator	Variáveis	Alpha de Cronbach
Vida longa e saudável	1,2,3,4	0,844
Acesso ao conhecimento	5,6,7	0,777
Padrão de vida	8,9,10,11,12	0,891
Total da dimensão		0,874

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A partir dos índices de Alpha de *Cronbach* encontrados, é possível perceber que as três dimensões de desenvolvimento humano possuíram índices aceitáveis, sendo a dimensão padrão de vida a que possui resultados mais consistente (α de 0,891). Ao analisar o instrumento como um todo, obteve-se alpha de *Cronbach* de 0,874 que pode ser considerado um ótimo índice de confiabilidade do instrumento para a amostra do presente estudo.

Análise das dimensões de vulnerabilidade social

Na Tabela 4 são apresentadas as estatísticas descritivas dos resultados da pesquisa, apresentando média e desvio padrão das três dimensões de desenvolvimento humano. Análise foi feita a partir da inversão das questões para demonstrar através da maior média a dimensão com maior vulnerabilidade social.



Tabela 4 - Estatística descritiva das três dimensões de vulnerabilidade social

Questões	Geração X		Geração Y	
	Média	DP	Média	DP
Infraestrutura Urbana				
O local onde residido possui infraestrutura urbana.	1,90	0,96	2,13	1,08
O local onde residido possui acesso a serviços de saneamento básico.	1,80	0,99	2,07	1,15
O local onde residido possui mobilidade urbana.	2,70	1,29	2,42	1,18
O local onde residido possui a presença de redes de abastecimento de água.	1,40	0,50	1,58	0,72
O local onde residido possui serviços de esgotamento sanitário	1,90	0,96	2,29	1,33
O local onde residido possui coleta de lixo.	1,30	0,47	1,76	0,83
Total	1,83	1,01	2,04	1,10
Capital Humano				
O local onde residido possui acesso a saúde	1,20	0,96	1,64	0,86
O local onde residido possui acesso à educação.	1,30	0,47	1,47	0,59
O local onde residido possui praticas que auxiliam o desenvolvimento pessoal.	2,70	0,41	2,62	0,94
Total	1,73	0,93	1,91	0,95
Renda e Trabalho				
O local onde residido possui oportunidades de emprego.	3,00	0,91	3,07	1,05
O local onde residido possui baixo índice de trabalhadores informais.	3,60	0,93	3,33	0,85
O local onde residido possui alto índice de empregos com alta remuneração.	3,90	0,85	3,64	1,02
Total	3,50	0,96	3,35	1,00

*Questões de vulnerabilidade social invertidas.

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Desta forma, verificou-se que dentro do fator vulnerabilidade social, a maior insatisfação encontra-se na dimensão renda e trabalho (3,50 geração X e 3,35 geração Y), enquanto infraestrutura urbana e capital humano apresentaram menor insatisfação. Quanto aos baixos desvios padrões apresentados, pode-se concluir que a amostra é homogênea. Na Tabela 5 são apresentados os resultados relativos ao alpha de *Cronbach* das dimensões de vulnerabilidade social.

Tabela 5 – Alpha de *Cronbach* das dimensões de vulnerabilidade social

Fator	Variáveis	Alpha de <i>Cronbach</i>
Infraestrutura Urbana	1,2,3,4,5,6	0,845
Capital Humano	7,8,9	0,646
Renda e Trabalho	10,11,12	0,568
Total da dimensão		0,837

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A partir dos índices de alpha de *Cronbach* encontrados, é possível perceber que as três dimensões apresentam boa associação entre as variáveis, sendo que as dimensões capital humano e renda e trabalho ficaram abaixo do satisfatório. Porém, ao analisar o instrumento como um todo, obteve-se alpha de *Cronbach* de 0,837 que é um alto escore, considerado ótimo índice de confiabilidade do instrumento para a amostra do presente estudo.

Relação entre as dimensões de desenvolvimento humano e vulnerabilidade social

Buscando identificar possíveis relações entre as dimensões de desenvolvimento humano e as dimensões vulnerabilidade nas gerações X e Y, utilizou-se o cálculo do coeficiente de correlação de Pearson, o qual indica a força de associação entre as variáveis. Desta forma, primeiramente



busca-se avaliar a relação entre desenvolvimento humano e vulnerabilidade social na geração X (Tabela 7).

Em suma, os fatores que compõe a dimensão desenvolvimento humano apresentam correlação negativa em relação aos fatores que compõe a dimensão de vulnerabilidade social, confirmando que quanto maior o desenvolvimento humano, menor a vulnerabilidade social.

Tabela 7 – Correlação de Pearson entre as dimensões de DH e VS da geração X

		1	2	3	4	5	6
1 - Infraestrutura Urbana	Correlação de Pearson	1	,715**	,067	-,333	-,612**	-,595**
	Sig. (2 extremidades)		,000	,724	,073	,000	,001
2 - Capital Humano	Correlação de Pearson		1	,437*	-,725**	-,558**	-,678**
	Sig. (2 extremidades)			,016	,000	,001	,000
3 - Renda e Trabalho	Correlação de Pearson			1	-,366*	-,063	-,826**
	Sig. (2 extremidades)				,046	,741	,000
4 - Vida Longa e Saudável	Correlação de Pearson				1	,295	,364*
	Sig. (2 extremidades)					,114	,048
5- Acesso ao conhecimento	Correlação de Pearson					1	,397*
	Sig. (2 extremidades)						,030
6 - Padrão de vida	Correlação de Pearson						1
	Sig. (2 extremidades)						

** A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

* A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Fonte: Dados da Pesquisa (2019).

Em suma, os fatores que compõe a dimensão desenvolvimento humano apresentam correlação negativa em relação aos fatores que compõe a dimensão de vulnerabilidade social, confirmando que quanto maior o desenvolvimento humano, menor a vulnerabilidade social. Neste sentido as relações significativas forte negativas foram entre renda e trabalho (VS) com padrão de vida (DH) (-0,826; p=0,01), e capital humano (VS) com vida longa e saudável (DH) (-0,725, p=0,01). Já a relação significativa fraca negativa é entre renda e trabalho (VS) e vida longa e saudável (DH) (-0,366; p = 0,05) (tabela 7).

Partindo da abordagem de desenvolvimento humano contem como pressuposto de que para alcançar o avanço na qualidade de vida de uma determinada população é preciso ir além do viés puramente econômico, considerando, também, as características sociais, culturais e políticas que influenciam a qualidade de vida humana (PNUD, 2015; SILVA et al., 2015), e que vulnerabilidade de Renda e Trabalho agrupa não só indicadores relativos à configuram um estado de insuficiência ou insegurança de renda das famílias (IPEA, 2018), segundo a amostra, quanto maior o trabalho informal e a disputa por vagas de emprego, menor a renda e trabalho, ou seja, menor a oferta de empregos com alta remuneração, de acesso a cultura, lazer, entretenimento e mobilidade urbana.

Observa-se que a correlação positiva entre os fatores de desenvolvimento humano, apresentaram fraca relação entre os fatores vida longa e saudável, acesso ao conhecimento e padrão de vida, enquanto a correlação positiva entre os fatores de vulnerabilidade social, apresentaram forte relação entre os fatores capital humano e infraestrutura urbana (0,715; p= 0,01) nas respostas da geração X. Na Tabela 8 encontra-se a relação entre desenvolvimento humano e vulnerabilidade



social na geração Y.

Tabela 8 – Correlação de Pearson entre as dimensões DH e VS Geração Y

		1	2	3	4	5	6
1 - Infraestrutura Urbana	Correlação de Pearson	1	,656**	,369*	-,308*	-,119	-,529**
	Sig. (2 extremidades)		,000	,011	,035	,425	,000
2 - Capital Humano	Correlação de Pearson		1	,371*	-,414**	-,276	-,572**
	Sig. (2 extremidades)			,010	,004	,060	,000
3 - Renda e Trabalho	Correlação de Pearson			1	-,022	-,159	-,385**
	Sig. (2 extremidades)				,883	,286	,007
4 - Vida Longa e Saudável	Correlação de Pearson				1	,381**	,536**
	Sig. (2 extremidades)					,008	,000
5 - Acesso ao conhecimento	Correlação de Pearson					1	,610**
	Sig. (2 extremidades)						,000
6 - Padrão de vida	Correlação de Pearson						1
	Sig. (2 extremidades)						

** A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

* A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Em suma, os fatores que compõe a dimensão desenvolvimento humano apresentam correlação negativa em relação aos fatores que compõe a dimensão de vulnerabilidade social, confirmando que quanto maior o desenvolvimento humano, menor a vulnerabilidade social. Neste sentido a relação significativa moderada foi entre capital humano (VS) e padrão de vida (DH) (-0,572; $p=0,01$). Já a relação significativa fraca é entre infraestrutura urbana (VS) e vida longa e saudável (DH) (-0,308; $p = 0,05$).

Assim, pode-se observar que a correlação positiva entre os fatores de desenvolvimento humano, apresentaram moderada relação entre os fatores acesso ao conhecimento e padrão de vida (0,610; $p=0,01$), e fraca relação entre acesso ao conhecimento e, vida longa e saudável (0,381; $p=0,01$). Enquanto a correlação positiva entre os fatores de vulnerabilidade social, apresentaram moderada relação entre os fatores capital humano e infraestrutura urbana (0,656; $p= 0,01$), e fraca relação entre renda e trabalho e infraestrutura urbana (0,369; $p= 0,01$), nas respostas da geração X.

Dessa forma as relações significativas forte na geração X foi entre renda e trabalho (VS) com padrão de vida (DH) enquanto na geração Y foi capital humano (VS) com padrão de vida (DH). Ou seja, enquanto para geração X, a alta renda, ocupação e segurança (Renda e Trabalho – VS) estão relacionados a melhoria dos padrões de vida, para a geração Y, condições de saúde, acesso à educação e a possibilidade de perpetuar esses benefícios as gerações mais jovens (Capital Humano – VS) são as principais relações com o padrão de vida.

Análise qualitativa da intenção de migração

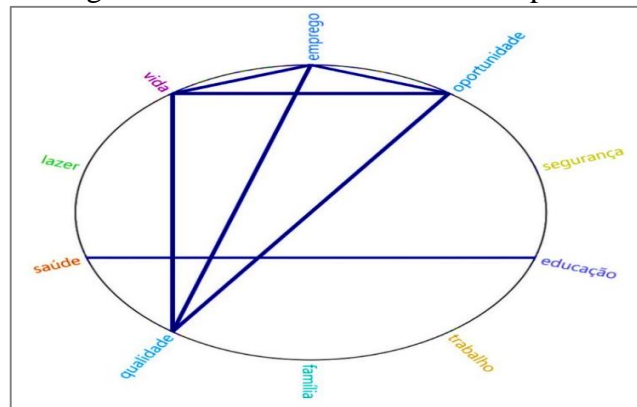
A análise qualitativa da intenção de migrar, utilizou o software Nvivo para a análise das perguntas abertas. Com os dados, observou-se os motivos que levam as gerações X e Y a migrar da região Noroeste para outros lugares. As expressões mais citadas pela amostra foram emprego (51), oportunidade (42) segurança (34), educação (29), trabalho (26), família (24), qualidade (24) saúde



(23), lazer (21) e vida (20).

A amostra confirma, ao ter as expressões mais citadas emprego e oportunidade como motivos centrais de sua intenção de migrar, as teses de Salim (1992) e Boechat (2019) que os fluxos migratórios possuem em comum a natureza econômica e a centralidade no trabalho. Em complemento, a pesquisa verificou que, a maioria dos entrevistados quando citaram oportunidade de emprego, também mencionaram qualidade de vida, e em outro eixo citaram saúde e educação (Figura 3). Neste contexto, o desenvolvimento humano enfatiza uma mudança de perspectiva, onde o foco é transferido do crescimento econômico, ou da renda, para o ser o humano e sua qualidade de vida (SILVA et al., 2015).

Figura 3 – Diagrama da análise de cluster das respostas da amostra



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Quando sobre as maiores carências encontrada na região que reside, geração X afirmou ser a falta de opções para lazer, cinema, praia, cultura, espaços para diversão e espaços para prática de esportes. Neste sentido, a pesquisa encontrou variáveis importantes que explicam e confirmam a afirmação de Boechat (2019) que o conjunto de relações sociais de um território relaciona-se diretamente a migração.

Mobilidade também foi a segunda problema mais citado, seja pela distância dos centros maiores e praias, falta de aeroporto em sua cidade, buracos nas estradas. Enquanto a geração Y aponta acesso a saúde de qualidade e oportunidade de emprego, infraestrutura, segurança e educação; como principais problemas da região (Figura 4).



Figura 6 – Nuvem de palavras das respostas sobre direcionamento das políticas públicas



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A questão levantada sobre motivação da migração gerou dois eixos formados pelas respostas da amostra: oportunidade de emprego e qualidade de vida, e saúde e educação. Oportunidade de emprego e oportunidade de emprego são os principais problemas da região em que residem, enquanto as políticas públicas voltadas a fomentar o desenvolvimento, seja pela instalação de universidades e Institutos federais, ou por políticas que gerem investimentos em educação e locais de lazer, são as prioridades locais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas ao longo do estudo possibilitaram analisar a influência do desenvolvimento humano e da vulnerabilidade social na percepção das gerações X e Y de migrar da região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Observou-se primeiramente que a amostra pesquisada possui como principal motivação para tal o eixo oportunidade de emprego e qualidade de vida, confirmando a teoria da migração centrada em desequilíbrio espacial de natureza econômica de Salim (1992) e na centralidade no trabalho afirmada por Boechat (2019), incluindo a variável qualidade de vida.

Por conseguinte, ao estudar o desenvolvimento humano e vulnerabilidade social da amostra com intenção de migrar, verificou-se que dentro do desenvolvimento humano a maior motivação encontrada nas dimensões acesso ao conhecimento, enquanto a dimensão que registrou a menor média foi padrão de vida. Já na vulnerabilidade social, a motivação encontrada nas dimensões renda e trabalho.

Com efeito, as relações entre desenvolvimento humano e vulnerabilidade social na geração X apresentam correlação negativa em relação aos fatores que compõem a dimensão de vulnerabilidade social, confirmando que quanto maior o desenvolvimento humano, menor a vulnerabilidade social. Dessa forma, as relações significativas fortes na geração X foram entre renda e trabalho (VS) com padrão de vida (DH) enquanto na geração Y foi capital humano (VS) com padrão de vida (DH). Ou seja, enquanto para a geração X, a alta renda, ocupação e segurança (Renda e Trabalho – VS) estão relacionadas à melhoria dos padrões de vida, para a geração Y, condições de saúde, acesso à educação e a possibilidade de perpetuar esses benefícios às gerações mais jovens (Capital



II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

Humano – VS) são as principais relações com o padrão de vida.

Ademais, os principais problemas locais citados pela geração X como fatores de motivação para migração é a falta de opções para lazer, principalmente pela ausência de cinema, praia, cultura, espaços para diversão e espaços para pratica de esportes, e mobilidade seja pela distância dos centros maiores e praias, ou pela falta de aeroporto em sua cidade e buracos nas estradas. Enquanto a geração Y aponta ausência de saúde de qualidade e oportunidade de emprego.

Como resultados gerenciais, o estudo contribuí para a administração pública, ampliando os conhecimentos sobre o fenômeno que vem se sobressaindo na região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Deste modo, é preciso entender melhor os problemas e motivos que levam as gerações analisadas à migração, para poder prevenir, atenuar ou inverter esse fenômeno, evitando prejuízos nas regiões em que ocorrem, principalmente o prejuízo da perda de capital humano. Neste sentido as políticas públicas relacionadas as dimensões analisadas neste estudo são fundamentais para tal enfrentamento.

Quanto às limitações da pesquisa, foram à escassez de estudos sobre a influência e relação da vulnerabilidade social e desenvolvimento humano no fenômeno da migração. Destaca-se também as especificidades da amostra, que por se tratar de uma região específica, os achados aqui relacionados devem ser interpretados com cautela para demais regiões. Como sugestão de estudos futuros, indica-se a replicação dessa pesquisa visando confirmar os resultados obtidos ou identificar novos nuances teórico-empíricas destes fenômenos sociais.

REFERÊNCIAS

BARROS, R.; CARVALHO, M.; FRANCO, S. **O Índice de Desenvolvimento Familiar (IDF)**. Brasília: Ipea, 2003.

BOECHAT, C. A. Mobilidade do trabalho no brasil: A recepção da obra de Jean-Paul de Gaudemar e uma perspectiva crítica para os estudos migratórios. In: XVI Simpósio Nacional de Geografia Urbana-XVI SIMPURB, **Anais...** v. 1, p. 1197-1216, 2019.

CAVALIERI, L. **Migração e reprodução social: tempos e espaços do cortador de cana e de sua família**. 2010. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

CODES, A. L. M. **A trajetória do pensamento científico sobre pobreza: em direção a uma visão complexa**. Brasília: Ipea, 2008.

CONGDON, P. An application of general linear modelling to migration in London and south east England. In: STILLWELL AND CONGDON. **Migration models: macro and micro approaches**. Belnavn Press, 1991.

CRESWELL, J. W. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

DUARTE, V. N.; CAVALCANTI, K. A. **Produto interno bruto (PIB) versus índice de desenvolvimento humano municipal (IDHM) na microrregião de Dourados/MS.** DRd – Desenvolvimento Regional em debate, v. 6, n. 1, p. 120-135, jan./jul. 2016.

FIELD, A. **Descobrimo a estatística usando o SPSS.** Tradução de Lorí Viali. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil: Índice de Desenvolvimento Humano Municipal Brasileiro.** Brasília, DF, 2013. Disponível em <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/>. Acesso em 12 jan. 2019.

GAUDEMAR, J. P. **Mobilidade do trabalho e acumulação capitalista.** Lisboa: Editora Estampa, 1977.

GOLGHER, A. B.; ARAUJO JUNIOR, A. F. Migrantes e não-migrantes em Minas Gerais: a influência de fatores pessoais e de contexto socioeconômico e criminal. **Revista de Economia e Administração**, v. 3, n. 2, p. 111-134, 2004.

IDHM-Municípios-2010.aspx. Acesso em: 20 mar. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS - IBGE. **Características da população e dos domicílios: resultados do universo.** Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/resultados_do_universo.pdf. Acesso em 12 de mar. 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. **Atlas da vulnerabilidade social nos municípios brasileiros.** Brasília: IPEA, 2015.

_____. **O Atlas.** Disponível em: <http://ivs.ipea.gov.br/index.php/pt/sobre>. Acesso em 09 de set. 2018.

LEITE, A. C. G, GIAVAROTTI, D. M.; KLUCK, E. G.; BOECHAT, C. A.; TOLEDO, C. A. A mobilidade revisitada: capital, trabalho subjetivação. **Geografares**, p. 5-21, 2017.

LOPES, L. F. D. **Métodos Quantitativos.** 1ª edição. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2016.

MALAFAIA, G. S. **Gestão Estratégica de pessoas em Ambientes Multigeracionais.** In: VII Congresso de Excelência em Gestão. Anais... Rio de Janeiro, 2011.

MENEZES, D. B.; POSSAMAI, A. J. Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - Urbano (IDHM-U): proposta de um novo índice sintético para as Regiões Metropolitanas. **Indic. Econ. FEE**, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 73-84, 2016.



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL
VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

PÓVOA-NETO, H. Migrações internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual: novos desafios para a análise. **Revista e Experimental**, n. 2, p. 11-24, 1997.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO - PNUD. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013 (Com dados dos Censos 1991, 2000 e 2010)**. 2013. Disponível em <http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/Ranking->

_____. **Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM)**. 2015. Disponível em: http://www.pnud.org.br/idh/IDHM.aspx?indiceAccordion=0&li=li_IDHM. Acesso em 05 mar. 2019.

SALIM, C. M. Migração: o fato e a controvérsia teórica. In: Anais do VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. **Anais**, p. 119-144, 2016.

SEN, A. **Desigualdade reexaminada**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, M. C.; SILVA, J. D. G.; BORGES, E. F.; SOUZA, F. J. V. Ranking de desempenho de municípios: elaboração de um único índice a partir do IDHM, IFDM e IRFS. **Veredas Favip**, v. 8, n. 1, 2015.

SOLOMON, M. R. **O comportamento do consumidor comprando, possuindo e sendo**. Porto Alegre: Bookman, 2016.

TAPSCOTT, D. **A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos**. Tradução de Marcelo Lino. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

VAINER, C. B. Trabalho, espaço e estado: questionando a questão migratória. **Cadernos IPUR**, v. 50, n. 1, p. 6-43, 1984.

_____. Reflexões sobre o poder de mobilizar e imobilizar na contemporaneidade. **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro: Revan, 2005.



OBSERVADR

